

Fundação Getulio Vargas  
Escola de Administração de Empresas de São Paulo



# **Projeto Conexão Local 2016**

## **Relatório Final**

Estudantes: Diana dos Reis Serafim

Rafael Luiz Falciano

Supervisora: Renata Cherém

Experiência: Associação dos Pescadores do Rio Ratones de Florianópolis – SC

São Paulo - SP

2016

## **Resumo**

Experiência: Associação dos Pescadores do Rio Ratones - Florianópolis, SP.

Participantes: Diana dos Reis Serafim (Graduanda em Administração Pública); Rafael Luiz Falciano (Graduando em Administração de Empresas); Orientadora: Renata Cherém (Doutoranda em Administração de Empresas).

Duração: do dia 3 de julho ao dia 22 de julho de 2016.

Resumo: [INTRODUÇÃO] A Associação dos Pescadores do Rio Ratones (APRR), localizada no distrito de Ratones em Florianópolis - SC, foi fundada em 1991 com o propósito de oferecer um espaço de discussão e formação de grupo para reivindicar e lutar pelos os direitos dos pescadores artesanais na região. Hoje, a APRR conta com 33 associados dos quais mais nenhum consegue sobreviver da pesca artesanal por conta de diversos fatores prejudiciais originados por órgãos públicos e privados da cidade, como, por exemplo, o governador Celso Ramos da década de 50 do século XX e a Companhia Catarinense de Água e Saneamento (CASAN), e pelo rápido crescimento populacional desorganizado da cidade. Atualmente, a APRR além de disponibilizar um espaço para o repouso das canoas e para confraternizações entre os pescadores e familiares, está lutando por condições ambientais melhores que permitam seus pescadores retomarem a pesca artesanal como atividade profissional. Com isso, o presente projeto busca analisar e compreender as relações entre meio ambiente e urbanização na cidade de Florianópolis, tendo como objeto principal as interações entre diferentes atores e a reivindicação das comunidades tradicionais pela conservação cultural e ambiental do município. [METODOLOGIA]. Durante as três semanas oferecidas pelo Programa Conexão Local para a experiência, optamos por dedicar cada uma delas para um diferente tipo de atividade. Na primeira semana, decidimos que o melhor a se fazer seria coletar o máximo de informações possível através de observações e análises com os atores em que iríamos entrar em contato para a realização da pesquisa. Dessa forma, participamos de reuniões e eventos importantes que coincidiram na mesma semana e por meio do diário de campo e gravações registramos informações diversas que contribuíram para o andamento do projeto. Já na segunda semana, tivemos um contato mais direto com os atores da semana anterior e também com outros novos por meio de entrevistas, reuniões e conversas esporádicas. Por fim, na terceira e última semana, dedicamos as nossas atividades para mergulhar no campo e vivenciar a realidade do pescador exercendo a pesca artesanal na praia de Daniela e, também, para conhecer as principais praias de pesca do norte da ilha, região onde passamos maior parte da experiência. Do ponto de vista qualitativo, a pesquisa buscou analisar dados ligados ao saneamento da cidade de Florianópolis, além de observar diversos documentos dos processos referentes às ações de urbanização que interferiam no meio ambiente da região de Ratones. [DESENVOLVIMENTO] A partir das entrevistas e dos dados coletados, buscou-se compreender e examinar como cada agente reagia quando deparado com a delicada questão em que se encontrava o meio ambiente em Florianópolis. Indo além, observou-se os custos que uma urbanização mal planejada causa em certo território e na comunidade que ali vive. [CONCLUSÃO] A partir de todas as informações coletadas e análises realizadas, entendeu-se que temas ligados ao meio ambiente e a sustentabilidade ainda fogem do debate público, se tornando uma causa defendida por poucos. Enquanto muitos atores realizam discursos apoiando questões ambientais, as políticas realizadas por estes revelam uma realidade muito diferente.

## **AGRADECIMENTO**

Agradecemos todos os envolvidos na edição do projeto do Conexão Local de 2016 que contribuíram para a realização da experiência em campo. Dessa forma, reconhecemos todo o esforço do GVPesquisa, do corpo docente da Escola de Administração de Empresas de São Paulo - FGV com os orientadores Marcus Vinícius e Renata Cherém e o professor Amon Barros que proporcionaram tal oportunidade de projeto e também de todos os outros que participaram da confecção desta pesquisa, especialmente a Associação de Pescadores do rio Ratones (APRR) e a Associação dos Moradores de Ratones (AMORA). Ademais, agradecemos o apoio e a colaboração da Isolete Rogeski, devido sua constante preocupação conosco e com todo o projeto.

Por fim, gostaríamos de relatar a importância de três pessoas durante esta experiência: O pescador Orlando, o Gilberto e sua esposa Janete. Não agradecemos somente a ajuda e o conhecimento que nos proporcionaram, mas também pela nova visão sobre a vida que adquirimos.

## SUMÁRIO

1. Introdução .....	4
2. A Associação dos Pescadores do Rio Ratones (APRR) .....	5
3. Reflexões Teóricas.....	8
3.1. Urbanização e Meio Ambiente.....	8
3.2. As Comunidades Tradicionais no Brasil.....	11
4. A Experiência: Ratones e seus atores .....	13
5. Discutindo a realidade a partir da experiência.....	18
6. Conclusão .....	19
7. Referências .....	21
Anexos.....	22

## **1. Introdução**

O trabalho descrito a seguir tem como objetivo relatar a experiência do projeto Conexão Local que é oferecido aos alunos da graduação de Administração de Empresas e Administração Pública da Fundação Getúlio Vargas, promovido pelo seu centro de pesquisa, o GVpesquisa. O projeto faz parte do Programa de Iniciação à Pesquisa (PIP) e proporciona a oportunidade de experiências inovadoras com realidades distintas por meio de uma viagem a campo em um período de três semanas.

O presente projeto realizado pela dupla busca analisar e compreender as relações entre meio ambiente e urbanização na cidade de Florianópolis, tendo como objeto principal as interações entre diferentes atores e as reivindicações das comunidades tradicionais pela conservação cultural e ambiental do município. Para aprofundarmos nosso entendimento sobre o tema tratado, fomos em busca de contatos que estariam diretamente ligados com a questão central do projeto. Para isso, a dupla procurou participar o máximo possível de reuniões, palestras e entrevistas com órgãos que fossem relevantes a fim de coletar informações, opiniões e análises que contribuíssem para o desenvolvimento da pesquisa.

A questão do processo de urbanização na história da cidade de Florianópolis é essencial para compreendermos os desafios que atualmente ela enfrenta relacionados à crescente vulnerabilização de suas comunidades tradicionais. A cidade foi fundada em 1726 sobre uma ilha muito extensa pertencente ao estado de Santa Catarina, localizado na região sul do país. O seu desenvolvimento ocorreu de forma lenta até o início do século XX, onde se tornou um século antes a capital de Santa Catarina, e a partir daí, passou por transformações socioeconômicas gradativas. A urbanização, por exemplo, cresceu por volta de 90% na década de 1960 e trouxe consigo um avanço significativo na construção civil. Esse avanço foi responsável por atrair ainda mais o crescimento populacional na cidade implicando, hoje, a sua saturação e incapacidade de atender a todos em épocas de alta temporada, períodos em que o número de turistas eleva-se extremamente. Atualmente, a cidade conta com 421.240 mil habitantes e, de acordo com o Portal da Globo G1, recebe mais de 1 milhão de turistas em altas temporadas.

Paralelamente ao seu crescimento populacional desordenado, houve o crescimento exponencial da degradação ao meio ambiente no seu território. Composto por uma área extensa de vegetação, no qual o mangue aparece de maneira predominante, a especulação imobiliária foi se expandido progressivamente do centro para todas regiões costeiras da ilha. Com isso, a

devastação do meio ambiente ocorreu de maneira acelerada. Ambos estes fatores ocasionaram impactos negativos para o município em todas as suas esferas. A segregação na esfera sócio espacial, por exemplo, explicada pelo crescimento da desigualdade na distribuição dos benefícios advindos do crescimento econômico e turístico na cidade, mostra que os habitantes que não possuem renda para adquirir terrenos com localização privilegiada, fácil acessibilidade, com a presença de transportes, de energia, de água e de esgoto e também com uma boa vizinhança, são automaticamente forçados a irem para as periferias, o que implica estes a viverem em áreas que não ostentam de infraestrutura urbana básica e que então, de modo geral, acabam por ocupar terrenos de maneira irregular.

As comunidades tradicionais, foco do tema do projeto, são um dos atores mais prejudicados por toda essa transformação ocorrida nas últimas décadas. A Associação dos Pescadores do rio Ratones (APRR), fundada em 1991 e localizada no distrito de Ratones, foi a comunidade com a qual tivemos o maior contato durante a experiência. Por meio dela, nós pudemos analisar de perto todo o impacto negativo que uma cidade, hoje considerada bem desenvolvida, gera sobre as comunidades tradicionais, no caso, a dos pescadores artesanais. Hoje, os associados da APRR não sobrevivem mais apenas da pesca artesanal e precisam buscar outras maneiras para se sustentarem, devido ao crescimento da cidade que implicou prejuízos à atividade principal deles.

Na região de Ratones existe ainda outro ator social fundamental: a associação de Moradores (AMORA). Por meio dela, os habitantes do distrito buscam preservar sua região do avanço da urbanização mal planejada fazendo pressão sob órgãos do governo. Pela proximidade histórica e regional, as duas associações, muitas vezes, se confundem. A participação de diversos indivíduos nos dois grupos cria uma relação de complementariedade entre as duas, apesar dos escopos diferentes.

## **2. A Associação dos Pescadores do Rio Ratones (APRR)**

A Associação dos Pescadores do Rio Ratones (APRR) está localizada no distrito de Ratones em Florianópolis - SC e foi fundada em 1991, onde era formada por ranchos uns próximos aos outros, mas que hoje comportam somente um único rancho para realizar reuniões periódicas, eventos de confraternização e estacionar as canoas de pesca. Antigamente, antes de

sua criação, o terreno utilizado pertencia a um porto comunitário, onde mercadorias como peixes, ostras, mariscos e café vinham do Nordeste e logo seguiam, por meio do mar e dos rios que atravessam a ilha, para o mercado municipal localizado no centro da cidade. Ela foi fundada com o intuito de preservar o manguezal que ficava ao redor o rio Ratonas para dar mais vida a ele e consequentemente permitir o desenvolvimento de certas espécies marinhas, visto que o mesmo foi degradado intensamente nas décadas da segunda metade do século XX. Além disso, foi criada também para lutar e defender respectivamente o direito da cultura e da pesca artesanal para manter a tradição da atividade, uma vez que esta vem perdendo espaço no mercado gradativamente.

A associação já chegou a contar com 60 associados, período este considerado seu auge. Hoje eles contam com aproximadamente 33. Muito dessa redução brusca de associados no decorrer dos anos se deu pelo fato de que parte significativa desses se aproveitava da associação apenas para guardar as sua canoa e não contribuía com as obrigações estabelecidas como o pagamento do valor mensal e a presença nas atividades mensais realizadas. Conjuntamente, para mantê-la é necessário que todos contribuam com uma quantia simbólica a cada mês. Quando fundada, era cobrado um valor mínimo de aproximadamente R\$ 0,50 e com o tempo foram aumentando vagarosamente para R\$ 1,00, R\$ 2,00 R\$ 5,00 e hoje é preciso contribuir com uma quantia de R\$ 15,00 por mês.

Os maiores desafios enfrentados pela APRR tiveram início nos anos 1950. Naquela década, segundo os associados, o governador de Florianópolis Celso Ramos criou um projeto para retificar o rio Ratonas e introduzir comportas com a intenção de beneficiar suas próprias terras em época de maré cheia que tinha no norte da ilha. Com isso, tal ação humana originou uma série de impactos tanto na esfera ambiental quanto na esfera sociocultural daquela região.

Os três principais pontos que os pescadores da APRR vêm lutando para procurar transformar o cenário atual são: i) a exigência por melhorias no saneamento básico do norte da ilha e por novas alternativas que bloqueiam o avanço da urbanização desorganizada (interesses latifundiários, turismo, especulações imobiliárias), ii) o estabelecimento de acordos com a estação ecológica de Carijós (Esec de Carijós) pertencente ao Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade (ICMbio) e iii) por último, e considerado o principal, a reivindicação para a retirada das comportas construídas no rio Ratonas.

A questão da exigência por melhorias no saneamento básico se dá pelo fato de que os bairros que compõe a região apresentam um sistema de esgotamento sanitário falho e que

acaba poluindo os rios daquela região que desaguam no rio Ratonés, prejudicando desta forma a vida dele com a deterioração da qualidade da água, em que acaba por implicar a ausência e falta de peixes e consequentemente prejudicar a atividade de pesca para os pescadores da APRR. Paralelamente, no ponto da urbanização e especulação imobiliária, a incapacidade da ilha em atender a todos por falta de infraestrutura agrava os problemas como o de saneamento, dado que este apresenta um sistema insuficiente para a população total da cidade, e o de degradação da natureza pela construção civil ilegal em áreas de conservação. Vale ressaltar, ainda, a quantidade expressiva de turistas que circulam pela região durante épocas de badalação. Estes são responsáveis por ampliar de forma exponencial os conflitos que a cidade enfrenta referente às questões discutidas acima e que, em suma, os nativos acabam sendo prejudicados ao decorrer do ano com os resquícios deixados.

Sobre a unidade de conservação implantada pela ICMbio no norte da ilha, pode-se dizer que é encarado como um benefício à associação, mas também como um malefício, simultaneamente. Um benefício em razão de manter a preservação da área/manguezal ali presente e malefício pois impede que os pescadores exerçam a pesca artesanal no local delimitado pelo Instituto, que antes era considerado um dos melhores locais para exercer a atividade. Dessa maneira, se, por exemplo, os agentes de fiscalização da ICMbio se depararem com alguém ultrapassando a área delimitada à procura de peixe, esse alguém será multado por estar cometendo uma infração. Entretanto, os pescadores da associação possuem uma carteirinha que legaliza e permite a eles ultrapassarem a área reservada para pescar sem serem autuados, pois os fiscais sabem que estes possuem a autorização e que não vão prejudicar a unidade de conservação e o meio ambiente. Em contrapartida, o maior problema que eles realmente enfrentam está relacionado com a questão da rotatividade do presidente da ICMbio, pois todo período de mudança na gestão há, concomitantemente, mudanças nas regras organizacionais. Assim, os pescadores sofrem por sempre precisarem buscar novos acordos para a continuidade do livre acesso à unidade de conservação. Dessa forma, eles almejam a institucionalização do livre acesso à unidade como solução para esse empecilho enfrentado regularmente.

Por fim, a retirada das comportas é a questão mais atual e principal pela qual os pescadores lutam. Visto que a inserção das comportas foi responsável por reduzir 60% da vida do rio, esta acabou danificando a circulação da água em períodos de maré cheia, eliminando a água salobra e fez com o que o número de peixes de água salgada reduzisse drasticamente. Tal ação humana ocasionou igualmente o desmatamento do manguezal que cerca o rio Ratonés, pois a falta de água salgada impossibilitou a permanência e a expansão do mangue e de sua



vegetação, considerada, por muitos, o berçário natural para criação de espécies típicas do ambiente marinho, como peixes, crustáceos e moluscos.

Visto isso, pode-se dizer que os pescadores artesanais, ao comparar com a indústria pesqueira, são muito mais vulneráveis a toda essa situação apresentada. Enquanto eles representam no ramo da pesca uma pequena parcela no Brasil e se caracterizam pela utilização de canoas com motores de baixa potência, redes e tarrafas pequenas e pelas pequenas distâncias percorridas, a indústria pesqueira representa uma parcela bastante superior, a qual se caracteriza pela utilização de barcos grandes, ferramentas de alta qualidade e pelas longas distâncias percorridas em alto mar, enviando suas mercadorias mais para o exterior do que para o Brasil, sendo assim pouco prejudicada com os problemas enfrentados no ramo, segundo os pescadores da APRR.

Diante dessa realidade, percebe-se que os pescadores artesanais da cidade de Florianópolis, os quais prezam muito pela transparência e honestidade, são vítimas de projetos mal planejados e do descaso do poder público, sendo mais um exemplo da desvalorização da rica cultura dos povos tradicionais no Brasil.

### **3. Reflexões Teóricas**

#### **3.1. Urbanização e Meio Ambiente**

Nas últimas décadas, seguindo as tendências dos países em desenvolvimento, o Brasil passou por um rápido crescimento populacional, resultando na expansão das cidades de forma improvisada. Indo além, houve uma transformação radical na distribuição dos indivíduos dentro do território nacional. De acordo com o IBGE (2010), a população urbana saltou de 36% em 1950 para 85% em 2010. Para atender as demandas das novas cidades que cresciam progressivamente, políticas de urbanização e desenvolvimento econômico se tornaram prioridade na agenda pública.

A expansão das cidades e o surgimento das metrópoles trazem consigo uma gama de consequências. Milton Santos (2002, pág. 106) diz que questões relacionadas às características necessárias para a organização das cidades podem revelar desigualdades entre elas, gerando “um

modelo específico de centro-periferia”, onde a população passa a ter acesso desigual a diferentes bens e serviços públicos.

O consumo e a manutenção de determinados padrões de vida das novas cidades necessitam da apropriação de muitos outros recursos e espaços, pois “[...] problemas como os do emprego, da habitação, dos transportes, do lazer, da água, dos esgotos, da educação e saúde são genéricos e revelam enormes carências” (SANTOS, 2002, pág. 105) dentro das grandes metrópoles.

Como o esperado, questões ambientais foram cada vez mais subvalorizadas. A relação entre meio ambiente e urbanização no Brasil se deu, muitas vezes, de forma problemática e conflituosa. A necessidade da escolha de um em detrimento do outro fez parte das políticas desenvolvimentistas brasileiras desde o século XVI.

Com a redemocratização e a Constituição de 88, direitos ambientais foram legalmente assegurados na legislação. De acordo com o art. 225, “Todos têm direito ao meio ambiente ecologicamente equilibrado, bem de uso comum do povo e essencial à sadia qualidade de vida, impondo-se ao Poder Público e à coletividade o dever de defendê-lo e preservá-lo para as presentes e futuras gerações”. Na lei, os dois atores apontados como responsáveis pela conservação – o Poder Público e a sociedade – desempenham papéis controversos em diversos casos, visto que o Estado surge como um dos principais agentes causadores de degradação – ou a não defesa da preservação.

No primeiro parágrafo deste mesmo artigo 225 é definido como dever do Poder Público:

I - preservar e restaurar os processos ecológicos essenciais e prover o manejo ecológico das espécies e ecossistemas;

[...]

III - definir, em todas as unidades da Federação, espaços territoriais e seus componentes a serem especialmente protegidos, sendo a alteração e a supressão permitidas somente através de lei, vedada qualquer utilização que comprometa a integridade dos atributos que justifiquem sua proteção;

IV - exigir, na forma da lei, para instalação de obra ou atividade potencialmente causadora de significativa degradação do meio ambiente, estudo prévio de impacto ambiental, a que se dará publicidade;

V - controlar a produção, a comercialização e o emprego de técnicas, métodos e substâncias que comportem risco para a vida, a

qualidade de vida e o meio ambiente[...]. (BRASIL, 1988. Grifo Nosso).

A preservação e recuperação ambiental, como atividade promovida pelo Estado, permaneceu, durante muitos anos, no campo teórico da legislação. Iniciativas de sustentabilidade viraram pautas na agenda política somente quando diferentes grupos da sociedade exerceram pressões em dimensões locais e regionais para tal.

A consciência social da gravidade dos problemas ambientais urbanos que afetam as cidades mudou de patamar a partir do reconhecimento dos aspectos socioambientais associados à pobreza urbana como questões que geram danos e problemas ambientais. O entendimento dos danos ambientais não pode restringir-se aos lamentos de destruição da natureza (em si evidentemente indesejável), mas deve estar compreendido no quadro dos processos sociais de transformação dos espaços e da sociedade que lhes dão origem. No âmbito das cidades, os problemas ambientais urbanos dizem respeito tanto aos processos de construção da cidade – e portanto às diferentes opções políticas que influenciam as configurações do espaço – como às condições de vida urbana e aos aspectos culturais que informam os modos de vida e as relações interclasses. (IPEA; USP. 2002, págs. 172-173. Grifo Nosso)

Como o exposto pelo IPEA e pela USP, questões que relacionam meio ambiente e urbanização deixaram de ser mudanças puramente ambientais e passaram a interferir diretamente na organização social das cidades e de diferentes grupos. Neste contexto, as comunidades tradicionais surgem como atores de direitos que buscam a preservar costumes e estilos de vida próprios. De acordo com Diegues (2000, pág. 87):

Comunidades tradicionais estão relacionadas com um tipo de organização econômica e social com reduzida acumulação de capital, não usando força de trabalho assalariado. Nela produtores independentes estão envolvidos em atividades econômicas de pequena escala, como agricultura e pesca, coleta e artesanato. Economicamente, portanto, essas comunidades se baseiam no uso de recursos naturais renováveis. Uma característica importante desse modo de produção mercantil (*petty mode of production*) é o conhecimento que os produtores têm dos recursos naturais, seus ciclos biológicos, hábitos alimentares, etc. Esse 'know-how' tradicional, passado de geração em geração, é um instrumento importante para a conservação.

### **3.2. As Comunidades Tradicionais no Brasil**

Visto que o Brasil tem como parte de sua história abrigar uma imensa diversidade sociocultural, a qual se expressa em uma pluralidade de saberes, línguas, crenças e modos de vida, com grupos que vivem em comunidades indígenas, quilombolas, comunidades de terreiro, extrativistas, ribeirinhos, caboclos, pescadores artesanais e pomeranos, pode-se dizer que a força e representatividade destes no país é significativa. Segundo a Secretaria da Cidadania e Diversidade Cultural do Ministério da Cultura (SCDC/MinC), aproximadamente 8 milhões de brasileiros vivem em comunidades tradicionais. Além disso, esses grupos estão cada vez mais articulados tanto no Brasil como no exterior, pois nas últimas décadas houve um maior crescimento estatístico das comunidades como consequência da auto identificação e da necessidade de luta por direitos, uma vez que o processo de desenvolvimento de mega empreendimentos no país vem crescendo sucessivamente e que é responsável muitas vezes por invadir o território e a área de preservação que esses povos habitam, esses considerados territórios e áreas de preservação tradicionais.

Duas características marcantes das comunidades tradicionais são o respeito que têm ao território e o desenvolvimento sustentável. A primeira está atrelada à questão do espaço necessário para a reprodução cultural, social e econômica delas, sendo assim um espaço que vai muito além do geográfico porque ele representa também a cultura e a identidade do povo que ali que está inserido. Já a segunda diz respeito ao uso de recursos naturais por eles de forma equilibrada, havendo a preocupação de manter os recursos para as gerações seguintes, uma vez que essas são comunidades marcadas pela economia de subsistência.

O Brasil, dessa forma, apresenta um cenário em conflito entre o desenvolvimento do país e a proteção da tradição dos povos e comunidades tradicionais. As inúmeras propostas de infraestrutura que são desenvolvidas ou previstas em áreas que constam como territórios tradicionais crescem de acordo com as projeções futuras do país e acabam por excluir a existência e o respeito às estas comunidades espalhadas por todo o estado brasileiro, implicando consequências negativas para a cultura do país de maneira geral.

Recentemente, um exemplo que pode ser descrito e que se assemelha com as questões discutidas acima é o caso dos pescadores artesanais da Baía de Guanabara. Essa comunidade de pescadores vem sofrendo desde 2008 por conta das construções do Complexo Petroquímico do Rio de Janeiro (Comperj). Por meio da grandiosidade desse empreendimento,

os pescadores da região sofrem violação de direitos humanos e estão sendo, aos poucos, expulsos da região pois a baía está perdendo a finalidade de ecossistemas e de bens comuns. Desse modo, eles perdem a sua fonte de renda através da pesca artesanal e de subsistência, o seu território, sua saúde e habitação e deixam de lado, portanto, suas condições historicamente constituídas.

De acordo com Diegues (2000, págs. 87-88), as comunidades tradicionais são marcadas e definidas pela:

a) dependência e até simbiose com a natureza, os ciclos naturais e os recursos naturais renováveis a partir dos quais se constrói um modo de vida;

b) conhecimento aprofundado da natureza e de seus ciclos que se reflete na elaboração de estratégias de uso e de manejo dos recursos naturais. Esse conhecimento é transferido de geração em geração por via oral;

c) noção de território ou espaço onde o grupo social se reproduz econômica e socialmente;

d) moradia e ocupação desse território por várias gerações, ainda que alguns membros individuais possam ter-se deslocado para os centros urbanos e voltado para a terra de seus antepassados;

e) importância das atividades de subsistência, ainda que a produção de mercadorias possa estar mais ou menos desenvolvida, o que implica uma relação com o mercado[...];

[...]

g) importância dada à unidade familiar, doméstica ou comunal e às relações de parentesco ou compadrio para o exercício das atividades econômicas, sociais e culturais[...];

[...]

i) a tecnologia utilizada é relativamente simples, de impacto limitado sobre meio ambiente. Há reduzida divisão técnica e social do trabalho, sobressaindo o artesanal, cujo produtor (e sua família) domina o processo de trabalho até o produto final[...].

Com isso, é possível observar como as comunidades se mostram dependentes do ambiente em que estão inseridas. O crescimento urbano desenfreado traz consigo muito mais do que consequências ambientais. Impactos sobre populações tradicionais se mostram cada vez mais significativos, tendo em vista que são culturas sendo degradadas.

#### **4. A Experiência: Ratonos e seus atores**

A metodologia aplicada para a elaboração deste trabalho enquadra-se no método qualitativo. No estágio de coleta de dados foi utilizado, como principal instrumento, entrevistas semi estruturadas. Estas foram realizadas com diferentes agentes ligados às Instituições da Cidade e com membros das associações locais. Além disso, também analisamos documentos históricos e oficiais da cidade e fizemos uso da observação não participante.

A seguir serão descritas detalhadamente todas as atividades realizadas na pesquisa de campo pela dupla durante os vinte dias de experiência. As conversas esporádicas, reuniões, entrevistas e palestras com os atores envolvidos para a elaboração do projeto compõe parte significativa das atividades no período da viagem. O nosso trabalho deu início um dia após chegarmos na cidade de Florianópolis, onde entramos em contato pela primeira vez com a Associação de Pescadores do Rio Ratonos (APRR), o principal ator da pesquisa.

Dessa forma, na segunda-feira do dia 04/07, tivemos a nossa primeira reunião com a APRR, onde estavam presentes o atual presidente Virgínio, o ex-presidente Orlando, o secretário Gilberto e sua esposa Janete; Manuel, um dos pescadores tradicionais, a supervisora da dupla do projeto Renata e a dupla Diana e Rafael. Antes de darmos início à conversa sobre o entendimento do contexto atual da associação, fizemos uma breve apresentação explicando desde quem e de onde nós éramos até qual o motivo de estarmos nos reunindo com eles e o nosso objetivo ao longo das três semanas que estavam por vir. Com duração de aproximadamente 1 hora, a reunião teve como pauta a discussão de todos os conflitos enfrentados por eles atualmente, já citados ao longo do texto. Afirmaram diversas vezes que são desafios árduos a serem enfrentados, mas que enquanto estiverem com saúde lutarão até o último segundo para saírem vitoriosos.

Em seguida, dedicamos o dia 05/07 para realizar uma reunião na Secretaria de Meio Ambiente e Desenvolvimento Urbano com o agente responsável pelo sistema de esgotamento da cidade, uma vez que procurávamos até então coletar o máximo de informações a respeito dos assuntos relacionados ao possível tema da pesquisa. Ficamos horas na recepção aguardando para sermos atendidos, mas por fim não obtivemos sucesso, pois o agente que nos foi direcionado participava de uma longa reunião naquele momento. Assim, fomos encaminhados para a Secretaria de Habitação e Saneamento ambiental. Lá, quem nos atendeu logo de primeira foi um engenheiro sanitário. Bastante receptivo e disposto a nos ajudar, perguntou o que queríamos

especificamente. Como estávamos no início do trabalho, não sabíamos exatamente qual seria o assunto principal. Dessa forma, ele fez uma apresentação geral a respeito do saneamento de Florianópolis com alguns pontos específicos, permitindo a sua gravação, e respondeu algumas perguntas feitas por nós. A duração foi de aproximadamente trinta minutos. Em suma, tentamos obter informações de forma indireta sobre a imagem e considerações que ele tinha sobre pescadores artesanais que circulavam os rios da região. Sua concepção era de que não havia impacto nenhum para esses, dado que tal atividade não acontecia/acontece mais na ilha, segundo ele. Assim, concluímos que a representatividade da pesca artesanal pelos pescadores da associação de pescadores do rio Ratonas na ilha é muito baixa para os atores de cargos superiores.

No dia seguinte, 06/07, participamos da primeira reunião com a Associação de Moradores de Ratonas (AMORA), realizada todas as quartas-feiras no fim da tarde e na sede da associação. Havia por volta de trinta e cinco pessoas, dentre eles moradores de Ratonas e representantes da AMORA. As pautas discutidas foram em relação às necessidades e dificuldades que o bairro estava enfrentando. Nela, percebemos que os moradores de Ratonas estão sempre em busca de soluções para melhorar o ambiente em que vivem e estão dispostos a ajudar no que for preciso. No final da reunião, o atual presidente nos delegou uma tarefa para contribuir com a AMORA. O objetivo era conseguir cópias da licença de um empreendimento de limpa fossa que estava sendo construído ilegalmente na região e que estava colocando em risco a vida da vizinhança, devido às características que nele havia.

O dia 07/07 estava reservado para participarmos do I Seminário na cidade com o tema: “Sistema de Esgotamento Sanitário: Transporte, Tratamento e Disposição Final”, ocorrido na Assembleia Legislativa de Florianópolis. O Seminário durou cerca de dez horas e teve doze apresentações com temas e representantes diversos. O objetivo do evento era: 1) apresentar alternativas tecnológicas para o tratamento de esgoto, fazendo estudo comparado do sistema centralizado com o sistema descentralizado de esgotamento. 2) Subsidiar a sociedade para melhor entendimento das soluções identificadas e poder apoiá-las. 3) Elevar o nível de confiança e credibilidade institucional entre a população e organizações que a representam e os órgãos públicos, através da ação de propostas concretas críveis e viáveis e que permitam o acompanhamento, transparência das ações. Para nós foi um grande desafio por não partilhar de habilidades sobre o assunto, mas ao mesmo tempo uma experiência muito enriquecedora para contextualizarmos melhor com o tema do nosso projeto.

Estava previsto, no dia 08/07, para irmos pescar na praia da Daniela com um dos pescadores da APRR a fim de entendermos melhor como era essa realidade e também conhecer de próximo a atividade da pesca artesanal. Entretanto, houve problemas na noite anterior com o carro que iria levá-lo até a Daniela e dessa forma o programa foi cancelado. Aproveitamos, assim, para enviar *e-mails* aos professores da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) especialistas em parte do assunto envolvido na pesquisa, pertencentes ao departamento de engenharia sanitária e ambiental. Já no fim do dia, fomos a uma festa julina que acontecia no próprio distrito de Jurerê, onde estávamos hospedados, como forma de despedida da nossa monitora Renata, que pegava vôo de volta para São Paulo na manhã seguinte.

No dia 10/07, fomos à feira artesanal e gastronômica Ratonarte, localizada no distrito de Ratones, organizada pelos membros da AMORA. Passamos a tarde toda na feira, comendo comidas típicas, observando o trabalho interessantíssimo de tecelagem/tricot de diversas senhoras e conversando com os membros da AMORA a respeito de assuntos diversos que de uma forma ou outra contribuíram para termos um maior contato com os moradores de Ratones e, conseqüentemente, para o desenvolvimento da pesquisa.

No início da segunda semana, dia 11/07, a dupla foi em busca das licenças ambientais prévia, de instalação e de operação (LAP, LAI E LAO, respectivamente) na FATMA exigidas pelo presidente da AMORA. Ao chegarmos, nos apresentamos e explicamos o motivo de estarmos lá. Em seguida, direcionaram-nos para a responsável pelo processo digital de encontro das licenças, Mariana Mota. Não conseguimos encontrá-las, pois o sistema estava falhando. Então, sugeriram-nos que fossemos até a FATMA regional, no continente, pois lá era onde estariam as licenças armazenadas fisicamente. Como não daria tempo para irmos até o continente no mesmo dia, voltamos para Jurerê. Às 19h fomos até a Associação de pescadores do rio Ratones para participar de uma reunião importante que aconteceria entre os principais representantes da Associação e dois representantes da ICMbio. No total, estávamos em dez pessoas. Um membro da dupla ficou responsável por elaborar a ata da reunião e o outro por anotar no caderno os principais pontos discutidos e opiniões de cada um durante a reunião. Na volta, conseguimos uma carona com um dos representantes da ICMbio que compareceu à reunião e conversamos bastante sobre os problemas que a associação enfrentava. No fim, ele nos convidou para conhecer a sede da ICMBio no dia seguinte.

Às 9h do dia 12/07, fomos para a UFSC participar de uma entrevista que marcamos com o professor Paulo Belli, que representou a UFSC no I Seminário de Sistema de Esgotamento Sanitário ocorrido na primeira semana de imersão. Ele é professor de engenharia sanitária e



ambiental na universidade e sua área de atuação é em cima do tratamento de águas e de efluentes líquidos domésticos e industriais. Antes de irmos para sala onde se realizou a conversa, a dupla elaborou um questionário com dez perguntas que mais seriam de nosso interesse para, assim, aproveitarmos da melhor forma possível a entrevista. O professor foi muito receptivo e se mostrou bastante interessado em nos ajudar. Fizemos as perguntas e lhe deixamos falar abertamente sem muitas interrupções. A entrevista durou cerca de 40 minutos. No fim, agradecemos toda a atenção e prometemos que enviaríamos o relatório final do projeto assim que estivesse pronto, pois ele teria interesse em ler o trabalho realizado por nós. Às 14h, voltando do centro, fomos à sede da ICMBio, como combinado no dia anterior, que fica no caminho para Jurerê. Lá, o representante que nos convidou apresentou os funcionários e toda a estrutura da sede. Em sua mesa onde trabalha, mostrou para nós como funcionavam as suas atividades diárias. Era de sua responsabilidade identificar, por meio de ferramentas como o Google Earth, diversas autuações de cidadãos/empresas que ocupam áreas pertencentes à unidade de conservação de proteção integral. Por fim, aproveitamos também para andar um pouco pela sede, onde fizemos uma trilha que dava acesso ao manguezal presente naquela região.

No dia 13/07, pela manhã, saímos em busca das licenças do empreendimento de limpa fossa, como combinado com o presidente da AMORA. Para que tivéssemos acesso a elas, fomos para a FATMA regional, localizada no continente. Lá, conseguimos colher informações importantes sobre as licenças. Pela noite, fomos à AMORA participar da nossa última reunião e que teve como participante dois funcionários da ICMBio para discutir a respeito do empreendimento. Durante o encontro, expomos todas as informações que conseguimos colher durante o dia sobre as licenças. Percebemos que fizemos uma tarefa que ajudou-lhes significativamente, pois a partir das informações por nós coletadas, eles conseguiriam seguir em frente para interromper o andamento do empreendimento.

Já na última semana, optamos por dedicar o dia 18/07 para conhecer as principais praias do norte da ilha e desfrutar do dia a dia dos respectivos moradores para entendermos como é a realidade dos cidadãos que residem fora nosso meio de São Paulo. Nessa experiência, percebemos a ausência da pressão que uma megacidade como a de São Paulo tem sobre seus habitantes. Os cidadãos agiam de forma bastante receptiva e amigável com os outros, as ruas e avenidas calmas, sem congestionamentos a violência parecia não ser uma preocupação. Em suma, aparentou-nos ser uma região com qualidade de vida superior à de São Paulo, o que de fato é conforme pesquisas da Organizações das Nações Unidas (ONU).

Nos dias 19/07 e 20/07, tivemos a oportunidade de finalmente mergulhar no campo e viver a realidade de dois pescadores da associação. Fomos até a praia da Daniela e ficamos, em ambos os dias, o dia todo pescando e aprendendo sobre as principais características da pesca artesanal. Foi uma experiência brilhante para a dupla, pois passamos a dar valor em questões que sequer tínhamos dado alguma importância anteriormente e que de certa forma contribuiu para nosso desenvolvimento humano.

Pela manhã do último dia do projeto antes de partirmos, 21/07, conseguimos percorrer de canoa todo o percurso do rio Ratones. Dois pescadores da Associação nos levaram para presenciar as depredações que ocorreram nos últimos cinquenta anos e que foram responsáveis por praticamente tirar a vida do rio. Passamos pelas comportas que foram introduzidas da década de 1950 e pelas partes que foram retificadas pelo governo da época. Foi nítido perceber que as partes originais do rio eram extremamente diferentes das partes modificadas. A profundidade e a largura do rio são exemplos que realmente mostram como a ação humana prejudicou a vida do rio, o qual era considerado a maior bacia hidrográfica de Florianópolis. Nas partes modificadas, a profundidade e a largura eram muito menores do que as partes originais. Vale ressaltar também toda a modificação da vegetação encontrada na beira do rio. Onde não houve alterações realizadas pelo homem, havia a presença de um lindo manguezal. Em contrapartida, já nas áreas alteradas encontrou-se uma vegetação diferente, conhecida como restinga na qual há diversas espécies de vegetais misturadas, que apresentava um formato de mosaico. O passeio durou aproximadamente 2h30min.

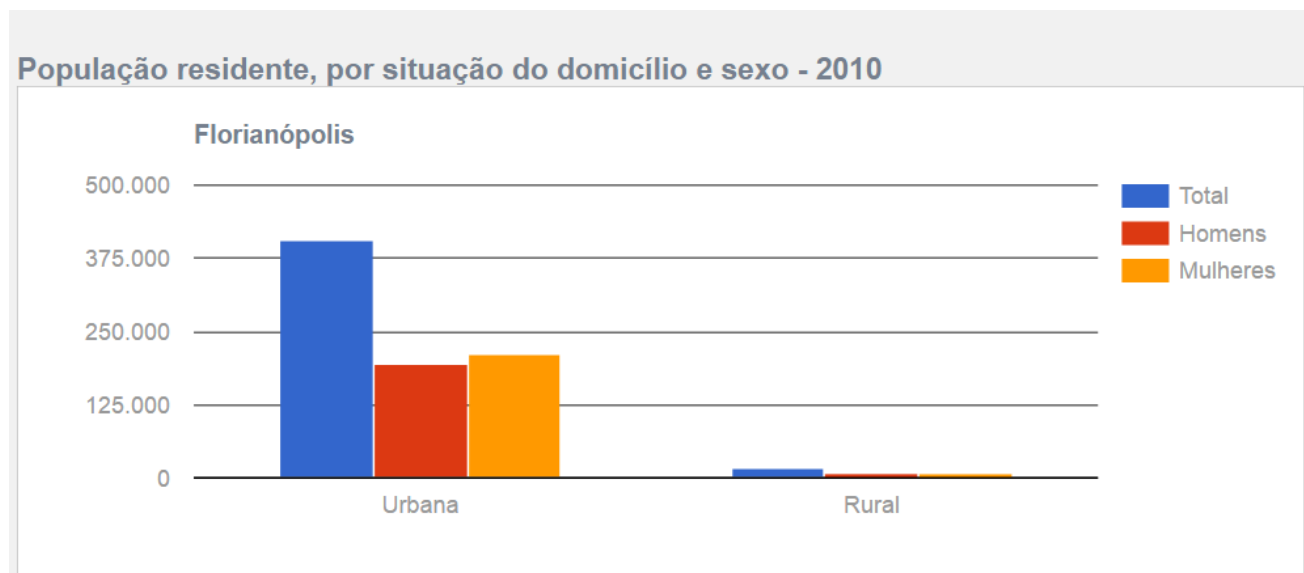


Fonte Própria. Barragens construídas no percurso do Rio Ratones

Por fim, no dia 22/07 às 9h, pegamos um ônibus com destino ao centro da cidade e de lá, pegamos um táxi com destino ao Aeroporto Internacional de Florianópolis. Em seguida, partimos de volta para São Paulo.

## 5. Discutindo a realidade a partir da experiência

Durante o período da experiência, observamos intimamente as relações de diferentes atores dentro do município. É evidente que Florianópolis é uma cidade desenvolvida e, assim como todas as metrópoles entendidas como avançadas das regiões Sul e Sudeste, apresenta os típicos problemas estruturais demonstrados por Milton Santos (2002), como os esgotos, o tratamento da água, habitação etc. Segundo o IBGE (2016), a população urbana é a maioria indiscutível, como se observa no gráfico abaixo:



Fonte: IBGE: infográficos, 2016.

Desde os primeiros dias, foi possível notar como essa urbanização elevada influencia no modo como diferentes grupos enxergavam as questões ligadas ao meio ambiente dentro da cidade. Infelizmente, a presença das diferenças urbanas exemplificadas por Milton Santos (2002) era clara, e a formação da divisão centro-periferia também. Detectamos essas desigualdades logo no segundo dia, durante a entrevista com o Engenheiro sanitário da Secretaria de Habitação e Saneamento Ambiental Elsom Bertoldo. Em certo momento, quando questionado a respeito da poluição do Rio Rato e na interferência nas atividades de pesca, o responsável afirmou que os rios de Florianópolis não representavam nenhuma parcela na pesca da cidade e que poderiam receber os efluentes sanitários sem problemas, quando, na realidade, existem pessoas que pescam

em Ratones e, além disso, vimos presencialmente o Rio Papaquara, já saturado pelo recebimento de efluentes e esgotos sem o devido tratamento.

Ademais, presenciamos certos atores tão preocupados e focados em interesses próprios que são capazes de descumprir leis federais. O empreendimento Limpa Fossas que estava se instalando em Ratones, provocando grandes problemas para a Associação de Moradores (AMORA), não possuía o estudo prévio de impacto ambiental, que foi anteriormente citado como parte do art. 225 da Constituição Federal, “IV - exigir, na forma da lei, para instalação de obra ou atividade potencialmente causadora de significativa degradação do meio ambiente, estudo prévio de impacto ambiental, a que se dará publicidade”.

As transformações que iriam ocorrer no distrito de Ratones com o funcionamento do empreendimento Limpa Fossas, entretanto, ultrapassa as questões ambientais. A empresa ia se instalar ao lado de uma escola, aos fundos de um condomínio familiar. O perigo de contaminação é claro, influenciando diretamente as pessoas que ali habitam. O mais revoltante, contudo, é o fato do empreendimento ser para o uso da CASAN para o tratamento de esgotos de outras regiões, mais especificamente das praias que recebem mais turistas do que podem suportar.

A comunidade de Pescadores, durante muitas gerações, utilizou-se da pesca como o meio de sobrevivência e obtenção de renda. Seguindo as características ditas por Diegues (2000), os membros da Associação de Pescadores podem ser considerados comunidades tradicionais, visto a transferência de conhecimento que ocorria de forma oral além de possuir a pesca como principal atividade econômica. Entretanto, devido aos problemas ambientais e crescimento da pesca predatória das grandes empresas, se tornou inviável a sobrevivência através desta atividade. A atual geração de pescadores ativos não consegue mais transferir todo seu aprendizado aos seus filhos, que não veem a pesca como algo realmente lucrativo ou minimamente seguro. Isto pode causar, futuramente, a dissolução da comunidade, que não terá mais suas características próprias e nem seus membros realmente envolvidos na pesca.

## **6. Conclusão**

É evidente que problemas estruturais existem no Brasil, e em Florianópolis não é diferente. Conflitos de interesses e disputas por espaço ocorrem, sendo que, infelizmente, a

maioria dos beneficiados é quem detém o poder financeiro ou político. O Rio Ratonos foi degradado devido ações em interesse de políticos no passado, e hoje a população do distrito de Ratonos pode ser prejudicada pelo interesse de empresas e ‘estrangeiros’ (os turistas, que em determinado período do ano demandam muito mais da cidade do que a mesma consegue suportar).

Os impactos das alterações ambientais da cidade não recaem somente sobre a natureza. Transformações sociais ocorreram – e ainda ocorrem – devido a isto. A Comunidade dos Pescadores foi amplamente prejudicada: seu meio de sobrevivência se tornou insustentável e economicamente não lucrativo. Existe o risco maior do conhecimento acumulado por décadas se perder na transição de somente uma geração: os filhos dos pescadores procuram agora outras profissões e formas de vida. A pesca deixa de ser uma atividade e se torna, para alguns, um *hobbie*. Há, portanto, uma grande ameaça à continuidade da pesca e, conseqüentemente, da comunidade que se desenvolveu a partir dela.

A realização do projeto e o convívio com os pescadores ultrapassou a ampliação de nossas experiências, conhecimentos e realidades. Frei Betto já dizia que “a cabeça pensa onde os pés pisam”. Viver os momentos propiciados pela Pesquisa promoveu não só nosso desenvolvimento pessoal, como também uma transformação no modo que observamos a vida. Refletimos muito mais sobre o sentido da vida que levamos, o que queremos fazer e no que buscamos impactar. Essa foi uma experiência que ficará nas nossas memórias, mas também em nossos corações.

## Referências

BRASIL. **Constituição Federal de 1988**. Promulgada em 5 de outubro de 1988. Disponível em <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/constituicao/constituicao.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm)>. Acesso em 27 de setembro de 2016.

DIEGUES, Antônio Carlos. **O Mito moderno da Natureza Intocada**. Disponível em <<https://raizesefrutos.files.wordpress.com/2009/09/diegues-o-mito-moderno-da-natureza-intocada.pdf>>. Acesso em 07 de outubro de 2016.

EXAME. **As 50 melhores cidades do Brasil para viver, segundo a ONU**. Disponível em <<http://exame.abril.com.br/brasil/as-50-melhores-cidades-do-brasil-para-se-viver-segundo-onu/>>. Acesso em 28 de setembro de 2016.

GLOBO (G1). **Florianópolis espera aumento de 20% no número de turistas em 2017**. Acesso em <<http://g1.globo.com/sc/santa-catarina/noticia/2016/09/florianopolis-espera-aumento-de-20-no-numero-de-turistas-em-2017.html>>. Acesso em 28 de setembro de 2016.

Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA); Universidade de São Paulo (USP). **Instrumentos de planejamento e gestão urbana em aglomerações urbanas : uma análise comparativa**. Brasília, D.F.: IPEA, 2002., 2002. (Gestão do uso do solo e disfunções do crescimento urbano: v.1). ISBN: 8586170402.

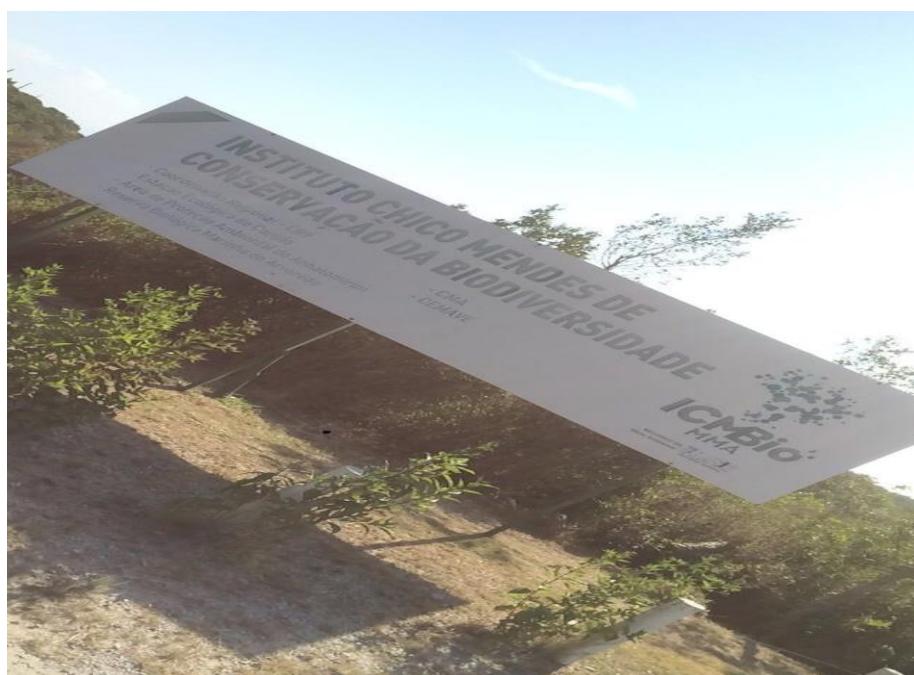
SANTOS, M. **A urbanização brasileira**. São Paulo: Edusp 2008., 2008. (Coleção Milton Santos; v.6). ISBN: 9788531408601.

TAVARES, Viviane. **Território das comunidades tradicionais: uma disputa histórica**. Disponível em <<http://www.epsjv.fiocruz.br/noticias/reportagem/territorio-das-comunidades-tradicionais-uma-disputa-historica>>. Acesso em 28 de setembro de 2016.

## ANEXOS



1. Departamento de Engenharia Sanitária e Ambiental da UFSC



2. Sede do ICMBio





3. *Mangue pertencente à Esec Carijós dentro da sede do ICMBio*



4. *I Seminário Técnico sobre o Sistema de Esgotamento Sanitário de Florianópolis*





5. *Mergulhando no campo: Pesca artesanal na praia da Daniela*



6. *Final de tarde na praia da Daniela*



7. Sede da Associação dos Pescadores do rio Ratones - APRR



8. Pescadores da APRR, representante do ICMBio e pesquisadores do Projeto Conexão Local.